



OS DIVERSOS DESLOCAMENTOS EM *A MERCY*

Natália Fontes de Oliveira¹

A obra *A Mercy* (2009) da Toni Morrison retrata as distintas realidades referentes aos vários deslocamentos dos sujeitos femininos, as conseqüentes rupturas e a alteração da ética do cuidado. Como explica Carole Boyce Davies existe uma necessidade de “olhar mais de perto as formas de representações de migração em uma variedade de formas culturais, culturalmente interligadas” (1994, p. 134). Ao considerar o pluralismo de experiências diaspóricas, torna-se necessário uma abordagem das especificidades culturais e históricas, assim como as implicações referentes raça, gênero, e classe social. O conceito de diáspora utilizado está vinculado à definição da Sandra Almeida (2006), que defende “seu caráter especificamente político ao denotar o movimento de dispersão de povos, quer seja voluntario ou forçado” (193). Observa-se que a existência de múltiplos deslocamentos afeta as relações de gênero, uma vez que a ruptura, em grande parte, causa o indivíduo a se reinventar, recriar, ou retrair ao inserir-se em um novo espaço. Paula Gilroy (1993) argumenta que: “A história do Atlântico negro fornece um vasto acervo de lições quanto à instabilidade e a mutação de identidades que estão sempre inacabadas, sempre sendo refeitas” (30). Sendo assim, o presente estudo busca ilustrar a complexidade das distintas experiências diaspóricas na obra *A Mercy* de Toni Morrison, através da análise dos deslocamentos das personagens, Lina, Rebekka, e Sorrow, suas implicações e conseqüências.

Lina se força a esquecer suas origens, e mesmo que mantêm algumas práticas culturais, ela absorve valores da cultura dominante para sobreviver. Apenas Lina e mais dois meninos sobreviveram à epidemia que atingiu sua aldeia, e quando foram encontrados por soldados, cada criança foi levada para um lugar. Lina se encontra em uma vila Presbiteriana e lá sem conhecer ninguém e ser marginalizada aprende a adotar os valores cristãos para sobreviver: “Com medo de mais uma vez perder abrigo, amedrontada de ficar sozinha no mundo sem família, Lina reconheceu seu status de selvagem e se deixou ser purificada por esses merecedores” (MORRISON, 2009, p. 47). Lina recebe seu nome por esses terceiros, os habitantes da vila, que adotam papel de domínio sobre sua vida. Eles a chamaram de Messalina, mas logo reduziram para Lina, mais pratico e que supostamente representa algum sinal de esperança, visto que Lina se submete aos costumes e exigências impostas pelos Presbiterianos. O novo nome escolhido reflete um discurso dominante, a

¹ Mestranda da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) orientanda da professora Dra. Sandra Regina Goulart Almeida



quem o poder de nomear está resguardado, e como as pessoas situadas à margem sofrem as conseqüências. Lina aprende que “tomar banho pelada no rio era um pecado; que arrancar cerejas de árvores era roubo” (MORRISON 2009, p. 48) e querendo adaptar nessa nova cultura ela deixa seu corpo virar um símbolo para sua devoção: “eles queimaram seu vestido feito de pele de veado e lhe deram um bom vestido de pano. Eles tiraram as miçangas de seus braços e cortaram polegas do seu cabelo” (MORRISON, 2009, p. 48).

Mas mesmo assim, apesar de tanto esforço “por mais forte que ela lutou, a parte Messalina irrompeu de qualquer forma e os Presbiterianos a abandonaram sem sequer um murmúrio de adeus” (MORRISON, 2009, p. 48). Lina foi abusada diversas vezes pelo homem da casa em que ela trabalhava. Tentando resistir, às vezes colocando pequenas minhocas em sua sopa, às vezes derramando óleo de cera (MORRISON, 2009, p. 47), ela é espancada e sexualmente violentada. Lina explica como os “Presbiterianos encaram seu rosto e o sangue em suas roupas, mas não dizem nada. Eles visitam a gráfica e põe ela a venda. Eles não deixam ela entrar mais em suas casas então por varias semanas ela dormi onde consegui e come de uma tigela que eles deixam na varanda” (MORRISON, 2009, p. 105). Lina sentiu-se traída e abandonada. Infelizmente, Lina internaliza esse tipo de comportamento e mais tarde trata Sorrow não muito diferente. Essa alteração da ética do cuidado, em que as pessoas valorizam normas deturpadas disseminadas por uma cultura dominante em detrimento dos oprimidos, causa uma falta de solidariedade entre as pessoas e reforça uma pratica excludente.

Com o passar do tempo, depois de ser comprada por Mr. Vaark, Jacob, Lina decide retomar suas crenças “ela decidiu tentar se fortalecer juntando pedaços daquilo que sua mãe tinha ensinado antes de morrer em agonia. Dependendo em memória, e em seus próprios recursos... lembrava ou inventava as mensagens ocultas em coisas” (MORRISON, 2009, p. 48). Às vezes Lina acreditava nas crenças de sua aldeia, como quando ela não concorda que Jacob destruiu 50 árvores para construir sua nova casa: “Matando árvores em grande número, sem pedir permissão, com certeza seus esforços provocaria destino ruim” (MORRISON, 2009, p. 44). Lina sente uma forte ligação com as crenças de seus antepassados e fica triste que não aprendeu tudo sobre sua família e seus costumes: “em um tempo distante, se Lina tivesse sido mais velha ou ensinada a curar, ela talvez pudesse apagar a dor da sua família e todos os outros que morreram em sua volta” (MORRISON, 2009, p. 46). Lina não entende a cultura na qual está inserida: “Europeus podiam calmamente cortar suas mães... mas ficavam enfurecidos se um não Europeu olhasse um Europeu nos olhos. Por um lado eles queimariam sua casa; por outro lado eles alimentariam, cuidavam e abençoavam”



(MORRISON, 2009, p. 46). Assim, Lina vive em um conflito interno, visto que ela tenta adaptar em uma cultura que ela não compreende e que a aloca à margem por ser mulher e escrava, e tenta reproduzir os costumes de sua aldeia, sem ter espaço e liberdade. Sendo assim Lina fica presa entre dois mundos, um porque apesar de existir dentro dela, foi extinto, e o outro por discriminá-la e oprimi-la.

Rebekka, por sua vez, vem de uma família pobre européia e estava ciente de que “seu pai teria a embarcado para qualquer um que pagasse sua passagem e aliviasse ele de alimentá-la” (MORRISON, 2009, p. 74) e apesar de que a sua mãe “questionar a ‘venda’... não [foi] por amor ou por precisar de sua filha, mas porque o futuro marido era um selvagem vivendo entre pagões” (MORRISON, 2009, p. 74). A viagem da Rebekka através do Atlântico não foi fácil e ela logo percebe a separação de classe e gênero: “Rebekka aprendeu cedo o suficiente, assim que elas foram separadas dos homens e das mulheres de classe mais alta e dirigidas para um escuro espaço embaixo ao lado do estábulo dos animais” (MORRISON, 2009, p. 81). Portanto, percebe-se a necessidade de problematizar a monolítica categoria ‘mulher branca’... Com questões de classe, origem, e assim por diante” (DAVIES, 1994, p. 134). Rebekka apesar de ter o privilégio de raça, é discriminada por sua classe e sem escolha é forçada a atravessar o Atlântico. No espaço pequeno reservado para mulheres brancas de baixa renda, mulheres e crianças com as mais diversas histórias e experiências, elas se aproximam, diluindo suas diferenças e curiosas para dividir e escutar suas histórias. Essas mulheres ajudam a Rebekka: “se ela tinha medo da sua vulnerabilidade feminina, viajando sozinha para um país estrangeiro para casar com um estranho, essas mulheres corrigiram suas preocupações. Se alguma vez mosquitos encheram seu peito com a lembrança das previsões de sua mãe, a companhia dessas exiladas, descartadas mulheres eliminaram essas lembranças” (MORRISON, 2009, p. 82-3). As mulheres encontram refugio entre si e logo estabeleceram um vínculo de amizade em que se dividia de onde viam, para onde iam e o que as esperavam no Novo Mundo. Elas habitavam um espaço em que elas podiam ser livres: “Humilhante era o lugar em que elas encolhiam, todavia, era branco onde o passado não assombrava nem o futuro chamava. “Mulheres de ou para homens, nesses poucos momentos elas não eram nenhuma” (MORRISON, 2009, p. 85). Juntas elas tinham o poder de se re inventarem, de assumirem novas relações de gêneros. Apesar de breve, essas amizades ajudaram a Rebekka a superar seu medo e marcou o início de outra vida, longe da sua família e da Europa, onde ela desempenharia outro papel, como esposa, amiga e depois dona de casa tomada por pensamentos racistas e patriarcais.



Jacob primeiramente comprou Lina e, logo depois Rebekka também chega à fazenda. Rebekka foi aos poucos perdendo o medo da Lina e se aproximando. As duas tornaram amigas quando “quando o primeiro bebe nasceu, Lina o segurou com tanta ternura, com tanta sabedoria, que Rebekka envergonhou-se de seus primeiros medos e fingiu nunca ter dito” (MORRISON, 2009, p. 75). Lina era tratada, na maioria das vezes, com certa consideração, mesmo que tênue, muito devido ao fato de que Rebekka é jovem, acabara de chegar da Europa e ainda não tinha absorvido os valores deturpada de como uma Senhora branca deveria governar uma casa com escravos: “Elas ficaram amigas... Mais porque nenhuma sabia exatamente o que estavam fazendo. Juntas, por erro e tentativa, elas aprenderam” (53). Quando Rebekka adoece, ela confessa para Lina: ““Você e eu, essa terra é a nossa casa, ’ ela murmurou, ‘mas diferentemente de você eu sou exilada aqui’ (MORRISON, 2009, p. 59) que problematiza a idéia de lar. Como Davies argumenta: “lar só pode ter significado quando se experimenta um nível de deslocamento da mesma” (1994, p. 113) e no caso, Rebekka é forçada a atravessar o Atlântico e Lina perde seus familiares e é transportada para uma vila Presbiteriana. Ambas lidam diferentemente com suas experiências diaspóricas e como Davies questiona: “lar e exílio são construídos como achatado, categorias monolíticas que demandam múltiplas articulações de classe, raça, gênero, sexualidade e outras categorias de identidades” (1994, p. 20) Para Rebekka a Inglaterra, seu país de origem representa um lugar de “falta de reconhecimento e alienação” (DAVIES, 1994, p. 113) o que faz com que ela identifique sua casa nos Estados Unidos como lar. Rebekka acredita que como ela não nasceu no Novo Mundo, fora expulsa de sua casa, e não tem pra onde voltar no Velho Mundo, ela se considera como uma exilada. Rebekka acredita que Lina está em uma posição de privilegio uma vez que a mesma continuou em sua terra. Mas na realidade, Lina é uma exilada tanto quanto Rebekka, porque ela não tem pra onde voltar, sua terra fora roubada por Europeus, sua aldeia extinguida, e torna-se escrava. Assim, de acordo com a definição da Bharati Mukherjee de que “no caso de exílio, a comparativa luxúria de se auto-remover é substituída por uma dura expulsão” (1999, p. 73) tanto a Rebekka quanto a Lina são exiladas. Lina sofre ao recordar familiares e tentar relembrar suas crenças, ficando com uma nostalgia da sua aldeia, associando esse tempo com sua liberdade. Ao passo que Rebekka é consciente que sua vida na Europa não seria necessariamente melhor e não deseja voltar nem idealiza sua terra natal, porque o Novo Mundo possibilitou uma liberdade, um novo começo em que ela tinha pelo menos um pouco mais de autonomia.

Por ser negra e mulher no século XVII, Sorrow sofre inúmeras violências, sendo subjugada a inferioridade e a margem da sociedade e das relações sociais, ela cria mecanismos de cooperação,



ao ignorar a língua do colonizador, e não interage, quando tem escolha, com ninguém, exceto com sua amiga imaginária Twin. Sorrow é a única sobrevivente de um navio negreiro, “todos foram embora ou afogaram e talvez ela também teria, se não estivesse em um sono profundo de ópio na cirurgia do navio” (MORRISON, 2009, p. 116). Sorrow se encontra sozinha “procurando for sobreviventes e comida, pegando com dedo melado dividido no deque direto para sua boca, noites escutando o vento frio e o mar agitado” (MORRISON, 2009, p. 117). É justamente nesse momento que “Twin se uniu a ela embaixo da rede e elas estão juntas desde então” (MORRISON, 2009, p. 117). Como Eva Hoffman descreve: “mudanças radicais e deslocamento pode às vezes produzir impulsos conservadores de defesa própria e preservação” (1999, p. 54). Assim, Sorrow cria Twin para lutar contra a solidão e conseguir forças para sobreviver, ela se fecha para o mundo e fica reclusa dentro dela mesma. Não é muito clara a vida que Sorrow tinha antes, apesar de vários indicativos de que sua infância já teria sido roubada, desconectada de sua família e seu lar, ela é trancafiada a bordo do navio negreiro, ela estava presa na transição entre dois mundos, completamente desamparada. Sorrow é negada qualquer privilégio de identidade e, acredita que seu nome é Captain, por sempre está presa na cabine do capitão e nunca ser referida pelo nome. Somente mais tarde, ela questiona o comportamento do Capitão: “foi quando ela entendeu a escolha do Capitão de mantê-la a bordo. Ele não a considerava como filha, mas como tipo de futuro tripulante. Suja, com calça, tanto selvagem quanto obediente com uma importante habilidade, remendando e costurando lonas” (MORRISON 2009, p. 167-7). Antes, Sorrow acreditava que o Capitão era seu pai e, com a falta de memória de qualquer outra pessoa ou estilo de vida, não entendia as reais intenções do Capitão: manter a Sorrow confinada a bordo para realizar os tipos de tarefas esperadas de uma mulher, (nesse caso é conveniente para o Capitão ignorar que Sorrow ainda é apenas uma criança) negra durante o século XVII: servir, costurando e entregando seu corpo.

Quando Sorrow abandona o navio e pula no mar, atribuindo a sua coragem a Twin, ela é sugada pelas correntes e levada através de um rio até a costa. Quando ela acorda “uma mulher de cabelo branco estava olhando para ela” (MORRISON, 2009, p. 117) e a mesma leva Sorrow para sua casa. Tentando entender a história da Sorrow, Mrs. Sawyer tenta estabelecer um diálogo com a Sorrow, mas Twin impede que Sorrow fale seu nome e ela “encontrou um gesto conveniente para toda outra informação que ela não podia ou fingia não lembrar” (MORRISON, 2009, p. 118). Sorrow recusa comunicar-se e ignora a língua do colonizador. Como Davies argumenta existe uma “tensão entre articulação e afasia, entre os limites da língua falada e a possibilidade de expressão,



entre espaço e determinadas formas de falar, e a falta de lugar para a fala da mulher negra” (1994, p. 153). É justamente nessa posição que Sorrow se encontra, ela não consegue se expressar de acordo com as expectativas da Mrs. Sawyer que friamente espera respostas rápidas e eficientes para descrever algo indescritível, sua experiência diaspórica como uma criança, negra, escrava e abandonada.

Assim, sem paciência para tentar entender e realmente ouvir, ignorando a complexidade do sujeito subalterno, “a dona de casa a chama” (MORRISON, 2009, p. 199) Sorrow. O próprio nome implica em uma exclusão da Sorrow, já que o nome tem uma conotação pacífica, não implica em um sentido de ação ou poder, mas justamente o local em que tragédias ocorrem e deixam para trás um sentimento de falta e tristeza. Peônia Guedes explica “o controle exercido sobre a linguagem pelo poder colonial” (2002, p. 75) e à Mrs. Sawyer, é atribuído o papel ativo de classificar e, portanto define o mundo ao seu redor e como as pessoas devem ser visualizadas. Mesmo assim, o poder de Mrs. Sawyer é limitado e restrito ao âmbito domiciliar, local em que a mulher branca tinha algum domínio ou liberdade de administrar. Em uma sociedade estratificada de acordo com distinções de gênero, raça, e classe, mulheres sofrem diferentes formas de opressão, sendo que mulheres negras durante o período escravocrata se encontram duplamente oprimidas.

Sorrow muito nova e inocente para entender o seu corpo foi surpreendida quando “a dona de casa falou que era um sangramento mensal; que todas as mulheres sofrem disso” (MORRISON, 2009, p. 119). Sorrow acredita até que “no próximo mês e no próximo e no próximo em que não voltou. Ela e Twin conversaram sobre isso, sobre que talvez fosse o resultado dos fazeres que acontecessem atrás das pilas da prancha” (MORRISON, 2009, p. 120). Sorrow era abusada pelos filhos da Mrs. Sawyer, mas não entendia o que acontecia exatamente, ou as conseqüências e implicações de tais atos. Ela simplesmente lidava com os fatos e tentava entender sua realidade sem preconceitos, conceitos, ou até mesmo noções de certo, errado, natural, artificial, uma vez que Sorrow não fora educada e não recebeu instrução em qualquer forma. Sorrow entende que “a dor era entre a parte de fora de suas pernas, e não dentro como a dona de casa tinha dito que era natural” (MORRISON, 2009, p. 120) mas não tenha certeza a que atribuir essa dor. A sua inocência torna sua situação mais trágica, uma vez que ela não entende que não foi abusada, mas ao mesmo tempo poupa Sorrow de julgar a si mesma, de acordo com as dicotômicas classificações impostas pela sociedade dominante, que tanto dilacera as mulheres, especialmente mulheres negras, presas pela escravidão.



Mrs. Sawyer acredita estar agindo com piedade Cristã ao acolher uma vítima em sua casa e “o prazer de desfazer uma criada incompetente pesava mais do que qualquer satisfação de uma tarefa bem feita e a dona de casa limpava o canto sujo feliz” (MORRISON, 2009, p. 119). Mrs. Sawyer não importava que Sorrow não conseguisse trabalhar direito, porque os erros da Sorrow simplesmente demonstravam a sua tão competente habilidade em ordenar sua casa e aumentava, em sua perspectiva, seu bondoso ato de caridade. Caridade a qual se estende até que Sorrow atrapalha a harmonia da família Sawyer e incomoda a visão romântica da Mrs. Sawyer em relação à sua família e prejudica postura tradicionalmente conservadora da família, o que implica em sua venda para Jacob.

Lina e Rebekka criaram um bom convívio e quando Sorrow chega à fazenda “as mulheres residentes fizeram uma fachada unida de detêm. Para a Senhora ela era inútil. Para Lina era ela má sorte em carne” (MORRISON, 2009, p. 53). Logo, Sorrow constata as diferenças: “A pele da Senhora era um branco igual ovo, Lina era o marrom de suas cascas” (MORRISON, 2009, p. 121). Rebekka é branca de origem européia e a dona da casa, e Lina de origem indígena, o que acarreta na superioridade de Lina, uma vez que além de ter chegado à fazenda mais cedo ainda é beneficiada pela pele mais clara. Apesar de Sorrow e Lina serem escravas, como já mencionado, a primeira não internalizou as normas criadas por uma sociedade racista e patriarcal, uma vez que sua posição está tão à margem que ela nunca fora formalmente instruída em como perceber o mundo, e cria sua própria percepção da sua vida. Lina, por outro lado, fora educada em uma vila Presbiteriana, adquiriu diversas crenças da mesma, apesar de ser marginalizada e abusada. Ambas percebem o mundo diferentemente: “Lina insistiu em lavar o cabelo da Sorrow... ela tinha medo de piolho. Era um medo que surpreendia Sorrow que pensava que piolho, assim como pulgas, ou qualquer outro ocupante do corpo era mais uma chateação que perigo” (MORRISON, 2009, p. 121). Através desse trecho também se pode inferir que Sorrow não percebe nada de errado com nenhum ocupante do corpo, que também pode ser referencia a exploração do seu corpo por diversos homens, ao passo que Lina compreende que qualquer tipo de invasão, sexual ou não é errada e necessária de expulsão. Para Lina, o fato de ter sido estuprada ganha uma conotação negativa esmagadora porque ela se julga de acordo com regras impostas pela sociedade dominante, que impõem princípios inatingíveis por uma escrava. Por esse motivo, Lina e Sorrow se distanciam, uma vez que Sorrow é abusada por Jacob, mas não se vê como ‘suja’ ou ‘indecente’ ao passo que Lina a julga de acordo com valores patriarcais que condena qualquer tipo de relação sexual fora do casamento e culpa as mulheres por qualquer infração dessa regra mesmo que elas estejam confinadas em posições de submissão. A



falta de solidariedade de Lina com Sorrow cria uma alteração da ética do cuidado, uma vez que Lina internaliza conceitos deturpados que impedem uma ligação entre ambas as escravas. Lina se vira contra Sorrow, porque ao invés de criticar o opressor, ela absorve os conceitos dicotômicos de certo e errado, e condena Sorrow, que é apenas uma vítima, assim como Lina das distorções criadas pela sociedade racista e patriarcal.

Rebekka perdeu vários filhos, e uma filha, Patricia que já tinha cinco anos, e depois perde também Jacob. Sua vida no Novo Mundo não fora como esperado e Rebekka se confina em crenças religiosas fervorosas, as quais ela uma vez tanto a repudiou no início. Rebekka aos poucos aprende a ser dona de uma casa de acordo com os parâmetros da sociedade dominante e, ao longo do tempo, assume sua superioridade de classe e mais importante de raça. Ao final do livro *Florens*, outra escrava cuja história foge o escopo desse artigo, explica que Rebekka “faz todas nós, Lina Sorrow, sua filha e eu, independente do tempo, dormir no estábulo ou na dispensa onde tijolos e ferramentas e lixos de construção estão” (MORRISON, 2009, p. 159). Essa inversão da ética do cuidado, uma vez que Rebekka despreza qualquer tipo de solidariedade, é causada pela adoção de valores racistas e patriarcais, porque agora Rebekka incorpora o discurso dominante que dita “dormir ao lado de fora era para selvagens” (MORRISON, 2009, p. 159) ignorando sua previa relação com Lina, classifica todas as mulheres de cor como sendo inferiores, ao passo de agir com consideração com o próximo.

Na obra *A Mercy* da Toni Morrison, as experiências diaspóricas das personagens Lina, Rebekka e Sorrow variam de acordo com especificidades de raça, classe, cultura e história, portanto não é possível generalizar as implicações de seus deslocamentos, sendo que cada personagem reage diferente. Em *A Mercy*, Morrison privilegia “filiações múltiplas e identidades moveis e deslizantes” (ALMEIDA, 2006, p. 192) sendo que os deslocamentos das personagens femininas afetam como elas percebem a si mesmas e afetam como elas relacionam entre si, uma vez que também dentro da diáspora existem diferentes privilégios e limitações impostas às mulheres durante o século XVII. Esse discurso dominante tende a alterar a ética do cuidado a favor de uma ideologia dominante patriarcal e racista, dificultando uma interação e aproximação de mulheres das mesmas raças e de raças e etnias diferentes.

Bibliografia

ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. A nova diáspora e a literatura de autoria feminina contemporânea. In: *Da mulher às mulheres: dialogando sobre literatura, gênero e identidades*. Org. Ildney Cavalcanti, Ana Cecília Lima, Liane Schneider. Belo Horizonte: UFMG, 2006.



DAVIES, Carole Boyce. *Black Women, Writing and Identity: Migrations of the Subject*. New York: Routledge, 1994.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*. Trad. Patrícia Farias. São Paulo: Editora 34. 1993.

GUEDES, Peônia Viana. Can the Subaltern Speak?: vozes femininas contemporâneas da África Ocidental”. In: *Gênero e representação em literaturas de língua inglesa*. Org. Ana Lúcia Gazzola, Constância Lima Duarte, Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

HOFFMAN, Eva. The New Nomads. In *Letters of Transit: Refelctions on Exile, Identity, Language, and Loss*. Ed. André Aciman. New York: New York Press, 1999.

MORISSON, Toni. *A Mercy*. New York: Radom House, 2009.

MUKHERJEE, Bharati. Imagining Homelands. In *Letters of Transit: Refelctions on Exile, Identity, Language, and Loss*. Ed. André Aciman. New York: New York Press, 1999.